

sessões do MAGINÁRIO

VOL. 21 | N. 35 | 2016 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.1>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Crédito: Control, Pawel Kuczynski, 2016.

P. 2

Tendências do Cinema Brasileiro contemporâneo: modelos de produção e de representação

Miriam de Souza Rossini, Vanessa Kalindra Labre de Oliveira, Bibiana Nilsson e Guilherme Fumeo Almeida

P.12

Jogos Olímpicos de 2016: a celebração do "viver junto" nos filmes feitos para a candidatura do Rio de Janeiro

Paula Regina Puhl, Nelson Todt, Fábio Chelkanoff Thier e Vinicius Mano

P. 31

Pokémon, gotta catch them all: comunidade, jogo e memória

Camila Freitas e Mariana Amaro

Movimentos sociais em rede e a revolução dos indignados

Sandra Mara Garcia Henriques¹ 



RESENHA

*Resenha da obra: CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.*

Algo mudou em relação aos movimentos sociais nos últimos anos. Por contágio, diversos movimentos ao redor do mundo inflamaram situações que, muitas vezes adormecidas, passaram a indignar indivíduos em diferentes locais, países e continentes. Uma reação em cadeia começou a ser firmada em busca da liberdade e da dignidade na Tunísia. Em seguida, a Revolução das Panelas na Islândia reclamava a crise financeira e a atuação do governo, tornando-se uma referência para os demais movimentos sociais europeus. Estas revoltas foram resultado da crise financeira e da falta de um sistema político que possibilitasse à população participar ativamente dos processos sociais.

O que há de comum entre a propagação destas revoluções pelo mundo tornando-as estopim para que demais

países insurgissem contra o poder governamental? A internet e a potencialização da mesma através das plataformas de comunicação sem fio.

Castells parte destes acontecimentos para desenhar a proposta de seu livro *Redes de indignação e esperança – Movimentos sociais na era da internet*. O autor aponta que, atualmente, ao falarmos em mobilizações sociais, algo que se torna fundamental citar como fator desencadeador e propagador de aglomerações em espaços urbanos são as redes sociais na internet. Há uma mudança no domínio da comunicação - denominada por Castells (2013) de autocomunicação - e é com a apropriação das redes sem fio que ela se concretiza.

A proposta principal de Castells, nesta obra, é tornar claros os movimentos sociais e sua relação com as plataformas de comunicação sem fio. De acordo com ele, sua contribuição está em levar o leitor ao entendimento dos movimentos sociais em rede como propagadores da mudança social do século XXI, na qual o empoderamento dos processos comunicacionais pelos indivíduos não é utopia, mas está sendo concretizado com o uso destas plataformas.



Movimentos sociais em rede e a revolução dos indignados

Para ele, os grupos gerados diante de nosso contexto atual são homogêneos, potencializados pela amplitude das redes sociais na internet e a rápida distribuição de conteúdo pelas plataformas de comunicação sem fio, impulsionando a formação de coletivos para os quais o que importa é o interesse em comum. Há, neste processo, uma valorização dos espaços ocupados, nas ruas e nas redes, desempenhando um papel essencial para uma mudança social.

Segundo Castells, não há mais rupturas entre os espaços urbanos das cidades e a virtualidade do ciberespaço, a aproximação destes transforma as cidades em espaços de autonomia. Os espaços ocupados são cheios de poder simbólico quando agregados a estas condições de ocupação, ponto importante que Castells ressalta: a cidade passa a ter novo sentido quando os indivíduos ocupam os espaços urbanos - eles reivindicam a própria cidade. Há uma relação sincrônica entre estes eixos na concretização destas mobilizações, ou redes de indignação, como ressalta o autor, pois com a era digital o alcance dos meios de comunicação passa para os domínios da sociedade de forma global e local, transformando as redes de comunicação em fontes de construção de poder.

Para explorar estas questões, Castells relata cada uma das principais revoluções ocorridas, como a Insurreição dos Árabes, Os indignados na Espanha, chegando ao movimento Occupy Wall Street, que já nasceu digital através dos blogs, Facebook e Twitter. Como um chamado, os ativistas divulgaram amplamente o movimento em redes sociais na internet e com elas o Occupy Wall Street chegou ao espaço público, o que territorializou o protesto. O Twitter foi a principal ferramenta de comunicação entre os ativistas.

Então, pode-se dizer que os movimentos sociais em rede são um padrão emergente na sociedade atual? – questiona Castells nos últimos capítulos da obra. Neste ponto, ele elenca diversas características que possibilitam identificar nestes movimentos algo em comum. Estes grupos passam a fazer parte do que o autor denomina de cultura da autonomia, cujo destaque afirma ser a internet, pois permite às pessoas se conectarem entre si e, somente desta forma, podem desafiar a dominação. Por fim, o autor enfatiza que todos os movimentos estudados são movimentos sociais em rede e que estes, como os demais movimentos ao longo da história, trazem a marca de sua sociedade.

Um dos pontos altos da obra, principalmente para os brasileiros, é o posfácio denominado “Posfácio à edição brasileira”, no qual inclui os movimentos sociais ocorridos no Brasil em 2013. Embora o capítulo seja breve, trata-se de uma excelente reflexão acerca das manifestações que mobilizaram o país de forma inédita.

Notas

- 1 Doutora em Comunicação Social (PUCRS). Av. Ipiranga, 6681, prédio 7, Bairro Partenon, Porto Alegre-RS, Brasil, CEP: 90619-900. E-mail: henrisandra@gmail.com